



NOTAS PARA UMA ARQUEOLOGIA DAS LINGUAGENS

Maria da Conceição de Almeida¹

Resumo:

Informação, conhecimento e sabedoria não são termos sinônimos. Conhecimento é seleção, tratamento e articulação de informação. A sabedoria é o conhecimento que permanece porque trata do essencial e aproxima propriedades distintas dos fenômenos. Ampliando essa hipótese, o artigo discute as bases para uma arqueologia da linguagem. Em síntese, podemos distinguir (não separar!) três níveis de leitura do mundo, de tratamento de informação. O primeiro, próprio do domínio do vivo em geral; o segundo processado pelos intelectuais da tradição que imersos no ecossistema natural se orientam por uma lógica do sensível; e por fim, o terceiro, mais restrito aos intelectuais da ciência. Reduzir o afastamento em relação às linguagens primeiras próprias do domínio do vivo talvez seja o desafio maior de uma ciência nascente para compreender melhor os fenômenos dos quais trata.

Palavras-chave: Comunicação; Informação; Conhecimento

Abstract:

Information, knowledge and wisdom are not synonyms. Knowledge is selection, treatment and articulation of information. Wisdom is the knowledge that remains because it deals with the essential and approximates distinct properties of phenomena. Broadening such hypothesis, this article discusses the basis for an archeology of language. In other words, we can distinguish (not separate!) three levels of perceiving the world, of treating information. The first one, characteristic of the living dominium; the second one, which is processed by the intellectuals of tradition who, immersed in the natural ecosystem, orientate themselves by a logic of the sensible; and the third one, which is more restricted to the intellectuals of Science. To diminish the gap in relation to the first languages, characteristic of the living dominium, may be the biggest challenge of a rising Science to better understand the phenomena it deals with.

¹ Antropóloga. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil). Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade - GRECOM/UFRN. Membro da Associação Internacional para o Pensamento Complexo - AIPC, dirigida por Edgar Morin (Paris), Membro da Cátedra Itinerante UNESCO "Edgar Morin"- CIUM, dirigida por Raul D. Motta, com sede na Universidad Del Salvador/ Instituto Internacional para o Pensamento Complexo - IIPC, Buenos Aires (Argentina). Membro do Conselho Científico Internacional da Multiversidad Mundo Real Edgar Morin, Hermosillo, Sonora (México). E-mail: calmeida17@hotmail.com





Keywords: Communication; Information; Knowledge

Onde está o conhecimento que perdemos na informação ?

Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?

T. S. Eliot

Informação, conhecimento, sabedoria. Essas três palavras são usadas apressadamente como se fossem sinônimas, como se significassem a mesma coisa. Mas é preciso, por um lado, distingui-las; por outro, compreender que da metamorfose da primeira na segunda e da segunda na terceira depende, em grande parte, saber pensar bem para enfrentar e conviver com os complexos problemas e desafios colocados hoje nos níveis locais e globais. Faz sentido aqui as palavras de Edgar Morin, para quem, "esforçar-se para pensar bem, é exercitar um pensamento aplicado constantemente na luta contra falsear e mentir para si mesmo, que nos leva ao problema de *cabeça bem-feita*". (Morin, 2000, p. 61) A alusão à expressão *cabeça bem-feita* reatualiza a formulação de Montaigne segundo o qual, "mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia" (apud Morin, op. cit., p. 21) "O significado de 'uma cabeça bem cheia' é óbvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. 'Uma cabeça bem-feita' significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas, e de princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido" (idem, idem).

Podemos dispor de **informações** e não construir conhecimento algum. Um computador acumula milhões de informações e dados sobre diversos temas e fenômenos e nem por isso produz conhecimento. Estocagem de informação não é conhecimento, por isso usamos a expressão 'banco de dados'. Melhor seria usar a expressão 'baú de dados'





para nos afastarmos um pouco do sentido da sociedade capitalista, bancária, mercantil. Mas como falamos em banco de dados, o problema é o que fazemos com as informações estocadas. Às vezes não fazemos muita coisa e nos limitamos a anunciá-las em profusão, sem estabelecer nenhuma relação entre elas.

Podemos ser proprietários de um grande banco de dados; ser possuidores de muitas e valiosas informações e, mesmo assim, não construir conhecimento. Os conteúdos transmitidos nas escolas e universidades funcionam muitas vezes assim. São repassados muitos conteúdos, muitas informações, porém os alunos não são instigados a pensar sobre eles. O sistema educacional se torna assim um mercado de informações e forma alunos-bancos-de-dados. Mesmo com a cabeça cheia de informações eles não sabem como articular tantos e tão importantes dados.

Para conhecer é preciso selecionar informações, eleger algumas como mais importantes, articulá-las entre si, imputar significados a elas. **Conhecimento** é tratamento de informações. É o resultado de uma ação e de um trabalho ao mesmo tempo árduo e prazeroso do pensamento para estabelecer elos entre os dados, observar aproximações e afastamentos, procurar encaixes entre indícios e sinais que reconhecemos como informações sobre um fenômeno, um problema, um tema. Conhecimento é manipulação cognitiva, trabalho artesanal do pensamento, como se o pensamento tivesse mãos para dar forma ao que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, apreciamos. Essa manipulação das informações para construir conhecimento se assemelha ao trabalho do oleiro que, com suas mãos, dá forma ao barro que se torna pote, panela ou telha.

A analogia entre o pensamento e o oleiro permite dizer também que informações e barro são matérias brutas a serem lapidadas pelos dois artesãos - o artesão do pensamento e o artesão do tijolo e da telha. Daí porque podemos ampliar, com justa medida, a compreensão do que seja um intelectual. Intelectual não é sinônimo de





cientista ou acadêmico. Intelectual é, mais propriamente, aquele que faz da tarefa de transformar informações em conhecimento uma prática sistemática, permanente, cotidiana. É aquele que se esmera em manter viva a curiosidade sobre o mundo à sua volta; aquele que observa as várias faces do mesmo fenômeno, as informações novas, contraditórias e complementares; aquele que apura o olhar; aquele que não se contenta com uma só interpretação, nem se limita a repetir o que já disseram.

O intelectual é aquele que manipula, constantemente a mesma interpretação, inserindo-a num campo maior, observando suas transformações, dialogando com ela, pensando sobre ela em outros contextos próximos e distantes. O intelectual é um artista do pensamento, porque dá forma a um conjunto de dados, aparentemente sem sentido e desconexo. Onde quer que se opere essa complexa arte do pensamento aí está em ação um intelectual. Por isso, podemos falar em *intelectuais da tradição*. Eles são os artistas do pensamento que, distantes dos bancos escolares e universidades, desenvolvem a arte de ouvir e ler a natureza à sua volta.

E a **sabedoria**? Todos os que transformam informação em conhecimento constroem sabedoria? Não! Sabedoria não é o mesmo que conhecimento. O século 21 tem sido chamado de *século da informação* e fala-se muito hoje em *sociedade do conhecimento*. Vivemos, é verdade, em meio a um bombardeio de informações, consolidamos muito conhecimento, mas temos à nossa disposição um banco de sabedoria? Pode até ser que sabedoria seja um tipo, uma forma especial ou um determinado modo de ser do conhecimento, mas nem todo conhecimento se expressa ou se expande numa sabedoria. Ela parece ser mais um jeito de viver e sentir do pensamento; uma maneira de falar do mundo que associa simplicidade e sentimento de parentesco com as coisas do mundo. Requer coragem e afeto, vontade de verdade (não sentimento de verdade) e consciência da incompletude e do erro. Sendo maior, mais





plena, mais serena, mais essencial e duradoura, a sabedoria não se reduz a um conjunto de conhecimentos.

A sabedoria é como o lodo (plancton) que mantém viva uma lagoa; é o que sobrevive em meio à superpopulação das idéias, dos conceitos, das informações. Quando dizemos que 'somos um dos fios da teia da vida', quando assumimos para nós próprios a idéia de que vida é uma teia, estamos anunciando e vivendo uma sabedoria, porque as teorias podem mudar, informações novas podem aparecer, mas apesar dessas mudanças podemos continuar dizendo 'a vida é uma teia de muitos fios e nós somos um desses fios'. O conhecimento se transforma, porém a sabedoria fica porque fala do essencial e permanente que se desdobra nos fenômenos, no particular, no fugaz, no instantâneo. Para Teresa Vergani, "possui a sabedoria da palavra àquele que entende, e responde, à mensagem codificada do mundo". (VERGANI, 2009, P. 287)

Um dos grandes desafios do nosso século é saber ler bem um mundo imerso na incerteza. É decodificar mensagens 'emitidas' pelos fenômenos, mesmo que tal decodificação seja limitada pelo antropomorfismo ao qual estamos condenados como espécie. É saber escolher e tratar informações; é transformar informações em 'conhecimento pertinente' (aquele que está inserido num contexto, como ensina Edgar Morin); é exercitar, aprender e ensinar uma 'ecologia das idéias e da ação'; é compreender sabedorias antigas, que nem por isso estão mortas, porque ainda falam do essencial que permanece; é facilitar a emergência de novas sabedorias. Saber ler bem o mundo é fazer uso de nossa 'inteligência geral' tão adormecida pelos conhecimentos especializados e pela fragmentação do conhecimento; é remodelar o nosso 'pensamento quadrado' para fazer renascer um pensar 'redondo' ainda tão vivo em algumas culturas, como fala o educador indígena Daniel Munduruku. Pensar bem é fazer do pensamento





uma teia tecida de muitos conhecimentos, compreender o que eles têm de complementar entre si, de essencial.

Mas existe, no final das contas, uma leitura nota dez? Haverá uma medida, um critério, um método, uma condição de ler perfeitamente os fenômenos do mundo? Não! O conhecimento é sempre parcial e provisório, como mostram as *ciências da complexidade* e o pescador Francisco Lucas da Silva na terceira 'frase-guia' do texto que abre o seu livro, *A natureza me disse*. "Os próprios cientistas, com todas as máquinas, às vezes prevêm uma coisa e dá errado. A natureza está sempre evoluindo. Então pode haver algum problema e muda todo o esquema. A natureza é um corpo vivo" (SILVA, 2007, p. 21). Entretanto, se não há uma leitura perfeita, irretocável e para sempre verdadeira, há, pelo menos, leituras mais próximas e leituras mais distantes do modo de ser das coisas, de sua dinâmica e transformação - mesmo que tenhamos que reconsiderar a idéia da realidade objetiva, como alerta Teresa Vergani. "O mundo ocidental, ao decidir que a 'realidade' existe, inventou um discurso universal baseado no mito do saber objetivo. Arrogando-se esse insolente direito à palavra, reduz ao silêncio todas as outras formas de saber". (VERGANI, 1995, p. 50)

Por uma arqueologia das linguagens

Sem nenhuma pretensão de desmerecer a ciência, e mesmo reconhecendo seus avanços e progressos, é oportuno proceder a uma autocrítica desse modo de conhecer, por parte de seus interlocutores - os cientistas e intelectuais acadêmicos. Uma autocrítica sensata e corajosa da ciência mecanicista inclui pensar uma nova postura em relação a pelo menos duas questões: a excessiva generalização e o distanciamento das linguagens primeiras. Sobre a excessiva generalização, temos caminhado por um caminho promissor. Cada dia mais pesquisas, em várias áreas do conhecimento, demonstram a variabilidade e a diversidade de fenômenos e dinâmicas do mundo vivo e não-vivo. Quanto ao





distanciamento das linguagens primeiras, parece que o caminho é mais árduo, difícil. Regra geral, estamos tão firmados no solo das pesquisas e experiências dos outros; tão fortemente apegados a conceitos e categorias explicativas já consagradas que, de bom grado, substituímos as coisas pelos conceitos, as nossas próprias experiências pelas experiências anteriores dos outros.

Em relação às Ciências da Natureza e da Terra, um tal distanciamento não se resolve unicamente com 'aulas de campo' tão importantes e constantes em cursos como os de Geografia, Ecologia e Geologia. Isso porque, com a excessiva urbanização - que inclui a urbanização do conhecimento - fomos aos poucos sendo arrancados da terra e do ecossistema, seja de forma real ou metafórica. Nos tornamos míopes e surdos diante das linguagens primeiras codificadas pelos animais, plantas, águas, ventos e pedras. Além de não 'ouvir' essas linguagens, e por causa disso mesmo, não percebemos, nas 'aulas de campo' aquilo que Gregory Batson chamou de "padrão que interliga" as coisas, os fenômenos e os ecossistemas.

Bem vistas as coisas, e a partir de uma concepção mais ampliada de conhecimento - que inclui a decodificação de informações pelo domínio do vivo em geral - podemos falar de três níveis de leitura do mundo. O primeiro operado por sistemas vivos e seres mais difusamente imersos na natureza: as plantas, os microorganismos, os insetos etc. Eles decodificam, à sua maneira, informações sobre situações adversas e situações favoráveis. A partir daí engendram comportamentos em grande parte padronizados, mas também, mesmo que em menor escala, comportamentos novos. Como acontece a um cientista, esses seres também se equivocam, lêem errado as informações. Segundo Francisco Lucas esse é o caso, por exemplo, do sapo quando lê uma chuva isolada como indício e sinal de início do inverno e por isso se prepara para o ciclo da reprodução, o que acaba por levar a morte os pequenos filhotes que têm, na estação chuvosa as condições ambientais para





crescer e se tornar adultos. Esse primeiro nível ou camada de leitura do mundo é acentuadamente mais próximo da natureza do que a releitura ou sobreleitura que possamos fazer a partir dele. É claro, entretanto, que essa primeira leitura é exponencialmente menos complexa do que a leitura feita por um humano, esse ser da imaginação e da palavra, que cria e multiplica sentidos, duplica a realidade, conta sua história, percebe e corrige os seus erros com mais maestria, projeta futuros. O único ser vivo que diz *Era uma vez...* Mesmo assim, temos que considerar a existência de uma primeira camada arqueológica de linguagem de decodificação do mundo; um primeiro nível ou escala de leitura anterior à do homem, mais organicamente ligada aos ambientes e expressa por códigos próprios aos domínios vegetais e animais.

A respeito dessa primeira e mais arcaica camada do processamento de informações é oportuno destacar três fontes de referências: Edgar Morin no livro *O Método 2 - a vida da vida* (2001); Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro *O que é filosofia* (1992); e Jean-Marie Pelt no livro *As linguagens secretas da natureza* (1998). Faço agora alusão às duas primeiras referências por meio de citação sem me ater a comentários, uma vez que são trechos por demais alucidativos. No que diz respeito à terceira referência anuncio, apenas sinteticamente, as pesquisas e argumentos principais do autor. Vamos por parte.

Da parte de Edgar Morin, para falar do que vem a ser a "ecocomunicação", isto é, uma comunicação generalizada no domínio da vida, diz o autor:

É decerto bem evidente que o ecossistema não emite informações destinadas a um ser vivo. Produz acontecimentos, alguns repetitivos e regulares, como o sair do sol, outros aleatórios. Ora, o ser vivo computa esses acontecimentos ao percebê-los. Reconhece como redundantes os regulares, cuja realização espera e prevê os efeitos; obtém informações no oceano aleatório do ruído a fim de discernir o que lhes interessa e diz





respeito. Nesse sentido, todo ser vivo *percebe* informações do seu ambiente, ainda que este não lhe *emita* nenhuma.

Assim, o meio, para um animal dotado de vida, de olfato, de audição, é uma cacossinfonia de formas, cores, odores, cantos que, conforme a sua necessidade, expectativa e temor, tornam-se indícios, signos, sinais, ou seja, transformam-se em informações. As plantas captam alertas vitais da radiação e da tensão dos gases e vapores. Os insetos decifram mil mensagens cromáticas e olfativas emanadas das flores. Se a linguagem das abelhas é fechada às não-abelhas, as abelhas transformam a não-linguagem vegetal em linguagem das flores (as quais utilizam em benefício da polinização essa linguagem para abelhas). O carnívoro decodifica, nas marcas e nos rastros, a passagem da presa; esta fareja na atmosfera e aproxima-se do seu assassino. Enfim, o ser vivo não é apenas um receptor de informações; é também, nas suas formas, cores, movimentos, odores, sons, uma fonte de informações para os outros (MORIN, 2001, p. 54 e 55).

Gilles Deleuze e Félix Guattari, conhecidos pela radicalidade da qual se alimentaram para ampliar as concepções de cérebro, filosofia e ciência e, mais do que isso, para esgarçar as supostas fronteiras das áreas disciplinares, explicitam assim seus argumentos sobre a dinâmica da existência das plantas e das rochas:

A planta contempla contraindo os elementos dos quais ela procede, a luz, o carbono e os sais, e se preenche a si mesma com cores e odores que qualificam sempre sua variedade, sua composição: é sensação em si. Como se as flores sentissem a si mesmas sentindo o que as compõe, tentativas de visão ou de olfato primeiros, antes de serem percebidas ou mesmo sentidas por um agente nervoso e cerebrado.

As rochas e as plantas certamente não têm sistemas nervoso. Mas, se as conexões nervosas e as integrações cerebrais supõem uma força-cérebro como faculdade de sentir coexistente aos tecidos, é verossímil supor também uma faculdade de sentir que coexiste





com os tecidos embrionários, e que se apresenta na Espécie como cérebro coletivo; ou com os tecidos vegetais nas "pequenas espécies". Não só as afinidades químicas, como as causalidades físicas remetem, elas mesmas a forças primárias capazes de conservar suas longas cadeias, contraindo os elementos e fazendo-os ressoar: a menor causalidade permanece ininteligível sem esta instância subjetiva. Nem todo organismo é cerebrado, e nem toda vida é orgânica, mas há em toda a parte forças que constituem microcérebros, ou uma vida inorgânica das coisas. Se não é indispensável fazer a esplêndida hipótese de um sistema nervoso da Terra, como Fechner ou Conan Doyle, é porque a força de contrair ou de conservar, isto é, de sentir, só se apresenta como um cérebro global em relação a tais elementos diretamente contraídos e a tal modo de contração, que diferem segundo os domínios e constituem precisamente variedades irreduzíveis. (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 272 e 273).

Mas é certamente o botânico, ecologista e farmacêutico Jean-Marie Pelt quem tem se dedicado com mais afinco e verticalidade à pesquisa sobre a comunicação de primeiro nível. Para ele, na nossa era, chamada de 'era da comunicação', poderíamos colocar a 'Internet no seu devido lugar', se compreendéssemos que 'três milhões de espécies vivas' se comunicam há milhões de anos. A natureza se comunica, há uma ecologia da natureza. Tal comunicação "revelam-nos estratégias sutis, armas ameaçadoras, mímicas perturbadoras, astúcias dificilmente concebíveis, relações de alto risco, armadilhas cruéis, mas também, bailados amorosos e comoventes colaborações, sem esquecer os múltiplos exemplos, ora cômicos, ora trágicos, da famosa lei implacável da natureza: 'comei-vos uns aos outros!' A natureza encerra, contudo, uma outra palavra de ordem, essa menos conhecida: 'ajudai-vos uns aos outros!' que abrange o vasto domínios das simbioses (PELT, 1998, p. 11-12).





O segundo e o terceiro níveis de conhecimentos dizem respeito aos saberes propriamente humanos. Um deles, o segundo, opera por meio de uma escala de proximidade maior com o meio ambiente natural: aqui estão as construções de conhecimentos das populações tradicionais, dos intelectuais da tradição, das sabedorias edificadas longe dos bancos escolares e da educação formal. Por conviver com intimidade com outros sistemas leitores do mundo; por desenvolver uma escuta e uma visão apuradas dos fenômenos físicos, do comportamento dos animais e plantas e das dinâmicas climáticas, os intelectuais da tradição parecem perceber com mais facilidade e nitidez a dialógica entre a diversidade da natureza e a unidade do 'padrão que interliga'. O aprimoramento sofisticado do raciocínio analógico permite uma compreensão mais complexa do que seja o próprio processo de produção de conhecimento na cultura humana, uma vez que reconhece um padrão de anterioridade presente na natureza. Parece ser disso que fala Silva na segunda 'frase-guia' do seu livro. Cito "Tudo que o homem faz, que ele inventa, ele pensa que fez algo diferente. Mas eu não vejo por esse lado. É significativo [diz respeito] a algo que já existe. O homem fez o computador que armazena tudo. É como você: nasceu e armazenou tudo que aprendeu. As coisas imitam o que já existe no planeta... Tudo quanto a ciência descobre, a natureza já ensinou há muito tempo... A natureza também manda e-mail sempre. Mas só compreende quem sabe ler a natureza. Porque é observando a transformação da natureza que você conhece a natureza" (SILVA, 2007, p. 21).

O terceiro nível de conhecimento se realiza por meio de uma escala de afastamento maior em relação aos 'objetos' que pretende conhecer, dos quais fala, aos quais imputa sentido e edifica interpretações. Aqui está o conhecimento científico, a ciência. As pesquisas de laboratório com ratos, a simulação de ambientes 'naturais' para observar o comportamento social e sexual dos sagüis, tanto quanto dezenas de outras





experiências programadas e controladas nas áreas da Zoologia, Botânica e Etologia demonstram, talvez, o esforço da ciência para minimizar seu déficit em relação a uma leitura mais próxima do laboratório natural da vida e do mundo. Orientada pelo afastamento dos fenômenos *in vivo* - pela própria contingência de sua estratégia autocentrada de produção, consolidação e transmissão de conhecimento -, a ciência se aprisiona, parcialmente, em uma rede de informações cristalizadas e por vezes distorcidas, por forças de categorias e métodos dissonantes com a dinâmica das transformações da natureza e dos fenômenos.

Esses dois últimos níveis de conhecimento do mundo - exemplificados aqui pelo conhecimento científico e pelos saberes da tradição - não correspondem a níveis superiores e inferiores de conhecer. Eles expressam, de fato, camadas e escalas de afastamento de leituras primeiras do mundo. Nas palavras de Lévi-Strauss, esses dois modos de conhecer operam por estratégias distintas: um próximo da lógica do sensível, outro afastado dessa lógica. Os dois, no entanto, demonstram igualmente a universalidade do pensamento humano que, diante das coisas, articula sempre as mesmas operações construídas ao longo da história da nossa espécie: identificar, distinguir, relacionar, hierarquizar, opor, construir conjuntos significantes.

Fazer dialogar essas duas estratégias de pensar a natureza (que inclui o próprio homem, é bom lembrar) reduz a escala de distanciamento da ciência em relação aos fenômenos; permite exercitar uma escuta mais apurada de outras linguagens que não se reduzem à linguagem das palavras; ajuda a reorganizar, em patamares mais complexos os conhecimentos que dispomos para pensar melhor; ajuda a construir estratégias de método científico capazes de nos aproximar de outras linguagens não propriamente humana.





O encontro entre ciência e saberes da tradição é, portanto, urgente e inadiável. Mesmo que pensemos por estratégias distintas, mesmo que compreendamos um mesmo fenômeno de forma diferente e, por isso mesmo, precisamos dialogar e procurar os campos de vizinhança entre esses modos de conhecer.

Para finalizar, uma palavra sobre o balanço provisório de nossa experiência de conhecimento. O humano, sujeito da palavra, essa ferramenta que articula uma fabulosa linguagem capaz de criar sentidos e interpretações que conspiram a seu favor (porque edificam sua história e uma cultura hipercomplexa) é também marcado por uma falta (como que uma falha geológica) que ele não pode reconstituir, resolver, apagar. Distante das linguagens primeiras, a cultura humana parece ser uma compreensão para um ser que se distanciou excessivamente da natureza maior, diante da qual ele é apenas um grão de poeira.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia**. Tradução Bento Padro Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita** - Repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____ **O Método 2: a vida da vida**. Tradução Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2001.

PELT, Jean-Marie. **As linguagens secretas da natureza** - A comunicação nos animais e nas plantas. Tradução de Maria Joana Chaves. Lisboa/Portugal: 1998.

SILVA, Francisco Lucas da. **A natureza me disse**. (Organização: ALMEIDA, Maria da Conceição e

CENCIG, Paula Vanina). Natal: Flecha do Tempo, 2007. (Coleção Metamorfose, v. 5)





VERGANI, Teresa. **Excrementos do sol** - A propósito de diversidades culturais. Lisboa/Portugal: Pandora, 1995.

_____ **A criatividade como destino** - Transdisciplinaridade, cultura e educação.

(Organização: FARIAS, Carlos Aldemir; MENDES, Iran Abreu; ALMEIDA, Maria da Conceição). Tradução dos fragmentos em inglês e francês de Edgard de Assis carvalho. São Paulo: Livraria da Física, 2009.

Texto recebido em 30 de agosto de 2009

Text received on August 30, 2009

Texto publicado em 01 de outubro de 2009

Text published on October 01, 2009

